

Estudos em Jornalismo

*Eduardo Meditsch**

Entrevistador

*Carlos A. de Carvalho Moreno***

Resumo

O jornalista, pesquisador e professor universitário Eduardo Meditsch aborda a história dos estudos em jornalismo no Brasil. Além disso, explora as condições de possibilidade de uma teoria do jornalismo no mundo contemporâneo, também em termos da necessária cooperação entre jornalistas-pesquisadores e instituições do campo maior das ciências da comunicação.

Palavras-chave: jornalismo, teoria, ciências da comunicação.

Resumen

El periodista, investigador y profesor universitario Eduardo Meditsch aborda la historia de los estudios del periodismo en Brasil. Además, examina las condiciones en torno a la posibilidad de una teoría del periodismo en el mundo contemporáneo, en función de la cooperación necesaria entre periodistas-investigadores e instituciones del campo mayor de las ciencias de la comunicación.

Palabras-clave: periodismo, teoría, ciencias de la comunicación.

Abstract

The journalist, researcher and professor Eduardo Meditsch talks about the history of journalism studies in Brazil. Besides that, he explores the conditions of possibility of a theory of journalism in the contemporary world, what includes the necessary cooperation among journalists-researches and institutions of the major field of communication sciences.

Keywords: journalism, theory, communication sciences.

*Jornalista e Professor Adjunto do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

** Jornalista e Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Entrevista

Carlos A. Moreno — Quando tomou conhecimento da Teoria do Jornalismo (TJ)?

Eduardo Meditsch — No Brasil, apesar da existência de diversos estudos isolados até então, alguns com mais de 60 anos, como no caso de Barbosa Lima Sobrinho, a defesa sistemática da necessidade de uma Teoria do Jornalismo foi lançada por Adelmo Genro Filho, no início dos anos 80, nas páginas do jornal *A Razão*, da cidade gaúcha de Santa Maria, onde atuava como colaborador. Adelmo era um intelectual marxista que escolheu o jornalismo como profissão, e em sua passagem pela universidade, como estudante, notara dois obstáculos à compreensão desta prática social pelas teorias ministradas até então nos cursos de comunicação: de um lado, as teorias marxistas, muito em voga na época, reduziam o jornalismo à questão da ideologia; de outro, as teorias da comunicação, não captavam a sua especificidade, misturando o jornalismo com a comunicação cotidiana, com a comunicação persuasiva, com a comunicação artística e com a comunicação científica. A partir deste diagnóstico, ele falava da necessidade de se criar uma Teoria do Jornalismo, a começar pela definição de um conceito de jornalismo que não o confundisse com a imprensa (hoje diríamos com a mídia), que era o seu suporte, confusão esta que era usual nas publicações da época. Ele defendia um estudo aprofundado da natureza histórica, sociológica e cultural do jornalismo, e começou por sua conta a construir esta teoria desde um enfoque epistemológico, em sua dissertação de mestrado. O livro publicado a partir da dissertação de Adelmo (*O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo*, Porto Alegre, Tchê, 1987) foi muito mal recebido pela nossa área acadêmica, porque criticava de maneira implacável as concepções de alguns de seus maiores nomes na época. A maior parte de seu livro é uma revisão bibliográfica bastante crítica, coisa a que a nossa área ainda hoje não se habituou. Se a ciência avança por conjecturas e refutações, não somos muito dados às últimas. Mas Adelmo encontrou seguidores, e vários deles se tornaram pesquisadores importantes de jornalismo em universidades de diversos estados. Uma das universidades onde suas idéias prosperaram foi a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde trabalho, e

onde o próprio Adelmo trabalhou em seus últimos anos de vida. Ele morreu em 1987, logo após a publicação do livro. Assim, tomei conhecimento da Teoria do Jornalismo, ou melhor, da necessidade de se criar uma Teoria do Jornalismo, a partir do Adelmo, e, de certa forma, com sua morte, tomei também a responsabilidade de continuar o seu trabalho, como muitos outros pesquisadores da área têm feito.

Carlos A. Moreno — Como apresentaria a idéia central da TJ?

Eduardo Meditsch — No primeiro Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado na Universidade de Brasília (UnB) em 2003, uma das discussões mais interessantes foi se já existe uma Teoria do Jornalismo ou se precisa ainda ser criada. As duas principais revistas internacionais do campo, fundadas ambas em 2000 – *Journalism Studies* e *Journalism: theory, practice and criticism*, são precavidas e usam a expressão “estudos em jornalismo” em vez de “teoria do jornalismo”, e procuram ainda delimitar o que seriam esses estudos. O certo é que, cada vez mais, cresce o número de trabalhos sistemáticos sobre o jornalismo como prática social. Para Adelmo Genro Filho, a teoria deveria começar pela construção de um conceito que explicasse o jornalismo, e ele propunha a conceituação do jornalismo como uma produção social de informação e de conhecimento cuja forma se cristaliza no singular, diferente da arte, que se cristalizaria no particular, e da ciência, no universal, a partir de referências da Estética de Luckács. Porém, mais do que o conceito em si, a contribuição maior de Adelmo foi demonstrar que as teorias da comunicação eram insuficientes para explicar o jornalismo como fenômeno e que elas, além de não o explicarem, geravam uma compreensão falsa e equivocada a respeito dele. Seria necessário criticar em profundidade essas teorias e construir outras, capazes de darem conta da especificidade e da complexidade do fenômeno que se queria compreender. Adelmo viu no trabalho de Nilson Lage, especialmente no seu primeiro livro, *Ideologia e Técnica da Notícia*, uma demonstração de que uma teoria autônoma do jornalismo, criada a partir dos problemas suscitados na própria área, poderia dar bons frutos: seria necessário, no entanto, que os jornalistas conseguissem construir uma teoria consistente do ponto de vista científico.

Carlos A. Moreno — Como a TJ vem condicionando a sua própria pesquisa?

Eduardo Meditsch — A preocupação que Adelmo formulou, mas que já existia antes, ainda que menos claramente manifesta, como em Nilson Lage, ou ainda antes, em Luiz Beltrão, tem sido central em todo o meu percurso acadêmico, desde a pesquisa de mestrado, onde fui atrás das origens dessa ruptura entre teoria e prática nas escolas de jornalismo, e a localizei na imposição do conceito de “comunicação social” ao Brasil, por motivações bem pouco científicas, produto da Guerra Fria. Naquela etapa consegui localizar esta ruptura na história do nosso campo acadêmico na América Latina e no Brasil. Hoje já consigo rastrear um pouco mais além, chegando à origem mesmo da *Mass Communication*, um campo acadêmico gerado no Departamento de Estado norte-americano, durante a Segunda Guerra Mundial, quando reuniu *schollars* de várias disciplinas para enfrentar a estratégia comunicativa de Goebbels e Hitler na Alemanha. Neste contexto, o acadêmico Wilbur Schramm se torna o primeiro defensor da Comunicação como uma nova disciplina, capaz de atrair mais apoio, poder e verbas do que o estudo do jornalismo tinha sido capaz na universidade norte-americana até então. Schramm, que vinha de uma escola de jornalismo, vai mais além: diz que nesta nova perspectiva não é mais importante estudar os problemas suscitados pelo jornalismo, que passam a ser secundários. Esta posição, que buscava a legitimação da área acadêmica, vai ter um efeito secundário de deslegitimar os estudos de jornalismo nos Estados Unidos e em todo o mundo, como aconteceu também aqui por influência do Ciespal (Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina). A busca por alargar a pesquisa em comunicação vai colocar o jornalismo em posição secundária, até o ponto em que, quando assume a hegemonia do campo nos Estados Unidos, praticamente extingue as disciplinas de jornalismo nas faculdades. Lá, como também em toda a América Latina, existem poucos focos de resistência, como na Universidade de Columbia, que por sinal está sob intenso bombardeio há alguns anos, ou a Universidade Federal de Santa Catarina, que por um lado é reconhecida e premiada como Instituição Paradigmática, como no último Prêmio Luiz Beltrão, e por outro é muito criticada por esta nossa teimosia em afirmar o campo acadêmico do jornalismo.

Pessoalmente, adquiri clareza e segurança sobre a necessidade de criar uma teoria a partir da prática desde o encontro com Paulo Freire, no Mestrado da ECA-USP, onde ele atuava na época como professor visitante, e que foi um entusiasta da idéia. Freire pensava a educação como uma teoria do conhecimento posta em prática, e quando relatei para ele a pesquisa de Adelmo, concordou comigo que o jornalismo também poderia ser uma teoria do conhecimento posta em prática, ainda que numa prática diferente da sua. Paulo Freire nunca se dedicou ao estudo do jornalismo, mas tinha um grande interesse pelo nosso campo. Reuni num artigo, aqui na *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, as idéias dele sobre isso.

A partir do meu doutorado, onde tomei conhecimento de todo um aporte internacional de estudos de jornalismo na Universidade Nova de Lisboa, procurei contribuir com a construção de uma teoria do radiojornalismo, sub-área onde tinha o maior domínio técnico, pois foi a em que mais trabalhei como jornalista e como professor, dentro desta perspectiva de construir a teoria da prática. Neste momento, como diretor científico da SBPJor (Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo), minha preocupação é primeiro divulgar este acervo internacional de conhecimentos no Brasil para, ao mesmo tempo, incentivar a sua crítica. Os estudos de jornalismo têm origem em muitas disciplinas, principalmente na sociologia norte-americana, e trazem o viés das disciplinas de origem. Precisamos nos apropriar criticamente desses conhecimentos, não simplesmente repeti-los, porque os nossos problemas não são os mesmos da sociologia nem os de nenhuma outra disciplina. A partir desta apropriação crítica é que consolidaremos uma teoria do jornalismo autêntica, em função dos problemas suscitados pela prática que é o jornalismo. Nilson Lage costumava dizer que a compreensão do jornalismo se apóia sobre um tripé: as ciências humanas, as ciências da linguagem e as tecnologias. Precisamos assimilar as contribuições destas três áreas de conhecimento, criticá-las a partir da perspectiva da prática e propor uma nova síntese. E isso passa por equilibrar o tripé, que hoje pende para um lado, para podermos atingir o centro da questão.

Carlos A. Moreno — Em termos da compreensão do campo jornalístico brasileiro, quais os estudiosos de TJ que trouxeram as contribuições mais importantes?

Eduardo Meditsch — Além desta vertente que parte de Adelmo Genro Filho e Nilson Lage, a disciplina Teoria do Jornalismo vai aparecer em seguida na USP, por iniciativa de Ciro Marcondes Filho, que adota o referencial da Teoria Crítica e depois da Psicanálise para explicar o jornalismo, e vai sendo construída por outros pesquisadores importantes da instituição, como Cremilda Medina, Gisela Ortriwano, Bernardo Kucinski, Carlos Eduardo Lins da Silva, para citar alguns, que faziam teoria do jornalismo sem usar esta designação. Em Brasília, nesta mesma situação havia já Salomão Amorim, Murilo Ramos, Sérgio Dayrell Porto, Luiz Gonzaga Motta, e, no Rio, Muniz Sodré e Antônio Fausto Neto, para ficarmos nos programas de pós-graduação mais antigos. Nos anos 90, começam a ser difundidos no Brasil os *journalism studies* numa perspectiva internacional, a partir principalmente dos autores portugueses que os sistematizaram em nossa língua, como Nelson Traquina e Jorge Pedro Sousa, de alguns livros espanhóis ou de traduções importantes, como a do italiano Mauro Wolf, que chegou até nós também através de Portugal. Então nos demos conta do quanto estávamos isolados e de quão antigos e complexos eram os estudos de jornalismo. *Journalism Quarterly* é a revista mais antiga da área da comunicação no mundo, e já se tornou sexagenária, ainda que também descaracterizada pela introdução de um "*and Mass Communication*" no nome. Nos Estados Unidos, como aqui, a transformação da área do jornalismo em comunicação causou estragos na pesquisa e na formação profissional específica. A primeira tese sobre jornalismo, defendida na Alemanha, data de 1690, e há estudos monumentais sobre o campo naquele país, como a "ciência do jornalismo" proposta por Otto Groth, discípulo de Max Weber. No final do século XIX o americano Robert Park foi para a Alemanha estudar jornalismo e se tornou uma referência posterior no campo a partir de Chicago, com seu próprio trabalho e o de seus orientandos. Creio que vivemos hoje no Brasil um momento de recuperação dessas referências, tanto internacionais como nacionais, como Luiz Beltrão, Carlos Rizzini, Danton Jobim, Juarez Bahia, Alberto Dines e tantas outras. Referências estas que não receberam a devida atenção no período em que o campo esteve sob domínio da perspectiva do Ciespal. Infelizmente, a desvalorização foi tal que mais de uma geração de promissores pesquisadores do jornalismo, como José Marques de Melo, Muniz Sodré, José Luiz

Braga, Antônio Fausto Neto, Sérgio Caparelli e muitos outros acabaram se afastando um pouco ou muito do objeto, alguns definitivamente, em busca de algum reconhecimento acadêmico. Creio que com a recuperação, a reedição e a tradução de todos os estudos importantes sobre o jornalismo, que é a tarefa do momento, vamos poder avaliar melhor todas essas contribuições, e dar o devido valor a autores que foram injustamente esquecidos em nossa trajetória acadêmica. Aliás, essa é uma das tarefas que a Rede Alfredo de Carvalho vem assumindo.

Carlos A. Moreno — Do ponto de vista profissional, qual o valor de uma TJ? E em termos dos estudos de comunicação?

Eduardo Meditsch — Em termos profissionais, o valor é imenso. O jornalismo é uma prática extremamente importante na vida de nossa civilização, tanto em termos políticos como culturais. Do ponto de vista econômico, é uma indústria poderosíssima, que há algum tempo tem buscado o apoio da universidade para a solução de seus problemas, sem encontrar interlocutor interessado ou capacitado para essa parceria. As empresas se deram conta de que a profissão já não pode se reproduzir “na prática” como antigamente; a mutação cultural, social e tecnológica obriga a uma compreensão científica do que está ocorrendo. Nunca o jornalismo precisou tanto de PhDs, como observa Philip Meyer. Mas a universidade não tem assumido o seu papel em nosso campo, porque não conseguimos ser uma “ciência social aplicada” como deveríamos. E não conseguimos porque somos um campo colonizado intelectualmente. Não apenas colonizado em termos culturais – o que, como dizia Paulo Freire, não nos permite um pensamento autêntico, porque raciocinamos com base em problemas gerados numa realidade de outros países, que não é a nossa – mas também colonizados enquanto disciplina, pois somos controlados ideologicamente pela área de ciências humanas, que também não é a nossa. Este domínio das ciências humanas sobre a área de comunicação se dá no processo histórico da constituição da área, e seu principal resultado é não conseguirmos ser uma ciência social aplicada – porque as ciências humanas, que nos dominam ideologicamente, não têm vocação para esta aplicação – e também não nos tornarmos uma ciência humana autêntica, porque as disciplinas originais são bem melhores do que a nossa no campo

delas. Como todos os colonizados do mundo, permaneceremos subdesenvolvidos, ou eternamente "emergentes", até conquistarmos nossa independência. O Qualis da área da Comunicação na Capes, que classifica as revistas acadêmicas de comunicação importantes na área, coloca todos os títulos de ciências humanas à frente dos nossos, e foi feito por nós! Neste sentido, o valor de uma teoria do jornalismo autêntica nos estudos da comunicação está em encontrar nossos próprios problemas, recuperar o conhecimento sobre eles que se dispersou, reequilibrar o triângulo proposto por Nilson e contribuir desta forma para que a área de comunicação como um todo encontre o seu lugar legítimo.

Podemos ter no Brasil uma importância muito grande, a nível internacional, na construção e consolidação de uma teoria do jornalismo. Apesar de tudo, aqui conseguimos conquistar nosso espaço, e estamos consolidando o jornalismo como um campo de pesquisa produtivo e importante. Em nosso país, o jornalismo continua sendo a área com mais pesquisas realizadas em todo o campo da comunicação, o que não acontece em nenhum outro país latino-americano, como fica evidente por exemplo nos congressos da Alaic. E, que eu saiba, é um dos únicos países do mundo ao lado da Espanha, que foi pioneira em 1989, com a Sociedade Espanhola de Periodística, a criar uma Sociedade de Pesquisadores em Jornalismo nas últimas décadas. Este pioneirismo é importante no momento em que se nota um movimento crescente, a nível internacional, para recuperar a identidade dos estudos de jornalismo no âmbito dos estudos chamados midiáticos. No ano passado, criou-se, pela primeira vez, na reunião anual da International Communication Association, ICA, uma das mais importantes associações internacionais no campo da comunicação, ao lado da IAMCR, um GT específico sobre os estudos em jornalismo.

Carlos A. Moreno — Como se deu a criação da Sociedade de Pesquisadores em Jornalismo? De que forma tal Sociedade pode interagir com a Intercom e com organizações internacionais?

Eduardo Meditsch — A SBPJor surge como resultado de um longo processo de amadurecimento do campo acadêmico do jornalismo. Este amadurecimento se inicia no GT de Jornalismo da Intercom, do ponto de vista científico, e é reforçado pelo Fórum de Professores de

Jornalismo, outro espaço conquistado pela área, dentro dos congressos da Intercom, para debater os problemas específicos da formação profissional. O GT de Jornalismo, antes ainda de ser transformado em Núcleo de Pesquisa, já era o maior GT da Intercom, e crescera tanto que precisava ter sessões simultâneas, como continua tendo hoje, tal o número de trabalhos inscritos. O GT de Jornalismo da Compós, criado em 2000, também é o GT que recebe o maior número de *papers* naquela entidade. O Fórum de Professores de Jornalismo, que começara como iniciativa de um pequeno grupo de docentes, preocupados com os problemas da formação profissional específica, cresceu na mesma proporção, de forma geométrica, e quando trocou o formato dos encontros para admitir a inscrição de trabalhos, passou a receber mais de uma centena de *papers* por ano. Ocorre que a área de jornalismo é muito grande no contexto acadêmico da comunicação. Se considerarmos esta área não apenas como a pequena comunidade que cerca os 20 programas de pós - e onde também já representamos uma parcela significativa - mas englobando todos os 694 cursos universitários de comunicação em funcionamento no país, a área de jornalismo é uma das maiores. O aumento da qualificação acadêmica dos professores de jornalismo na última década, transformando-os agora também em pesquisadores de jornalismo, fez com que o espaço dos GTs na Intercom e na Compós ficasse pequeno demais para uma comunidade tão grande, levando à idéia de construção de uma sociedade própria, com mais espaço para a exposição e o debate da produção científica significativa da área e o aprofundamento de seus problemas específicos.

Este processo, que vinha sendo amadurecido lentamente, acabou precipitado pela necessidade também de dar voz às posições da área de jornalismo, que em algumas ocasiões não se sentiram bem representadas na área de comunicação. A primeira vez que isso ocorreu de maneira mais séria foi durante a discussão das diretrizes curriculares para os cursos de graduação, quando surgiram propostas de diluir e até de anular as identidades profissionais expressas nas diversas habilitações da comunicação. Essa tentativa provocou uma grande reação na área acadêmica e profissional de jornalismo, unindo entidades como o GT Jornalismo da Intercom, a Fenaj, o Observatório da Imprensa e o Fórum de Professores, na defesa da formação profissional específica, num histórico seminário

realizado em Campinas, em 1999, que fortaleceu muito a identidade da área. Esse seminário consolidou o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo como a representação legítima da área para debater as questões de formação profissional, levando a seu fortalecimento até a institucionalização, como entidade autônoma, ocorrida em 2004.

A segunda vez em que sentimos a necessidade de ter uma voz própria da área de jornalismo foi durante o debate recente para atualizar a divisão da área de conhecimento em sub-áreas, na classificação oficial da Capes e do CNPq. O jornalismo, que aparece como uma das sub-áreas na classificação atual, de acordo com uma proposta que vinha sendo apresentada como a de todo o campo, simplesmente desapareceria. Seria incluído numa sub-área genérica de "práticas de comunicação" que por sua vez não representaria mais do que dez por cento dos estudos da área. Curiosamente, a Teoria da Comunicação, que atualmente aparece como uma das sub-áreas ao lado do jornalismo, seria desdobrada em oito sub-áreas, passando a representar, em importância, 80% da área, enquanto todas as práticas profissionais a que o campo acadêmico deve a sua existência seriam reduzidas, juntas, a 20% de importância. Obviamente, esta proposta representava uma distorção muito grande – talvez expressasse de forma singela a maneira de ver as coisas dos professores oriundos do "tronco comum" da graduação que, por terem se titulado antes, em disciplinas mais tradicionais, acabaram exercendo a liderança da maioria de nossos programas de pós, mas não representava de forma alguma a maneira de pensar de toda a área de comunicação, nem a sua diversidade. O surgimento desta proposta acelerou a criação da SBPJor, pois praticamente obrigava a área de jornalismo a ter sua própria voz também diante das entidades de fomento, o que só uma sociedade científica poderia fazer.

No plano institucional, agora somos uma entidade ao lado das outras, com quem temos também grande afinidade, inclusive porque, enquanto pesquisadores, continuamos pertencendo também a elas. Embora, como instituição, tenhamos agora objetivos específicos pelos quais lutamos, temos também muitos objetivos em comum com as entidades congêneres, como a consolidação e a afirmação da área acadêmica de comunicação como um todo, e a defesa da pesquisa científica em geral, o que talvez seja afinal o mais importante num país como o Brasil.

Creio que numa sociedade de redes, como a que estamos vivendo, ainda mais intensamente na comunidade científica, as entidades aos poucos vão tendo os seus papéis redefinidos. Nenhuma iniciativa centralizadora sobreviverá neste contexto em que cada vez se depende menos dos centros, e em que as redes vão se formando, se remoldando e se alargando para além de todas as fronteiras simbólicas e à revelia de qualquer controle. Isto pode gerar uma certa crise de identidade em quem estava acostumado a ser o centro e a conviver com isso de uma forma tradicional. Poucas pessoas que estiveram no centro de nossa área nas últimas décadas, como o professor José Marques de Melo, têm tido a visão que ele tem para perceber e aceitar esta mudança, como, por exemplo, quando propõe a Rede Alfredo de Carvalho, já em forma de rede descentralizada, ou quando vai ao Encontro de Brasília participar da criação da SBPJor, o que teve uma carga simbólica muito grande.

Somos já uma rede de pesquisadores na área de jornalismo, bastante consolidada, uma rede que é permanente e participa de múltiplas entidades que atendem a suas múltiplas necessidades e expectativas. Creio que a partir de iniciativas como a da SBPJor e, antes dela, a da Socine, a nossa Intercom tenda a se transformar numa espécie de federação da área, no modelo que a SPBC assumiu para o conjunto da comunidade científica: um lugar para a pluralidade e para o encontro, e não para forjar, muito menos para tentar controlar a identidade da área numa certa direção. Em relação às entidades internacionais, a SBPJor acaba assumindo uma posição de vanguarda, ao propor a retomada da identidade acadêmica do campo de jornalismo, que embora continue forte do ponto de vista científico em todo o mundo – e o lançamento recente de várias revistas internacionais especializadas confirma isso – se desestruturou bastante a nível institucional, com a perda de espaço nas entidades da comunicação. A SBPJor tende a se tornar um nó importante na rede internacional de pesquisadores de jornalismo por causa disso, ainda mais porque já nasce com este propósito, lançando a sua revista em inglês, por exemplo. E pode ser um modelo a ser seguido em várias partes do mundo, porque a demanda existe, basta ver os debates que ocorrem no campo em vários países, em Portugal, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na França e na Austrália, por exemplo.

O mais importante neste momento cultural que é novo, creio eu, é aprendermos a conviver na diversidade, reforçando nossas identidades. O campo da comunicação se tornou muito amplo, muito diferenciado, comportando várias vocações. Temos as pessoas que entraram nele a partir de uma opção profissional pela atuação prática na mídia, como nós os jornalistas, que pretendem ver a área funcionando realmente como uma ciência social aplicada, que não vai ser menos ciência por causa disso. Temos os colegas que vieram das outras práticas, com uma perspectiva semelhante, e temos os colegas que vieram fazer o tronco comum da graduação, vindos de outras disciplinas, que ajudaram a consolidar cientificamente o campo, e trazem a vocação original para as ciências humanas, mas não se sentem muito à vontade nem com as práticas nem com a pesquisa aplicada. E muitos dos que como nós saíram das práticas se identificam mais agora com o chamado campo teórico da comunicação, descobriram nesta convivência uma nova e mais forte vocação. Há os que preferem uma atitude científica mais crítica e reflexiva, outros que se empolgam com a práxis. O campo como um todo tem que entender e valorizar estas diferenças, tem que ter espaço para a diversidade que é a sua maior riqueza epistemológica.

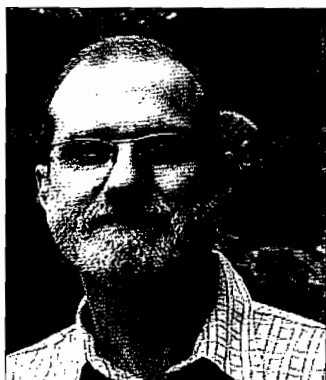
Carlos A. Moreno — A TJ é, então, vista como uma parte da Teoria da Mídia, que, por sua vez, seria um capítulo da Teoria da Comunicação?

Eduardo Meditsch — Sem dúvida, a Teoria do Jornalismo, que na minha opinião ainda engatinha, será um capítulo da Teoria da Mídia e talvez a Teoria da Mídia seja um volume da Teoria da Comunicação. Mas, nesta classificação, é importante não reproduzirmos a idéia de subordinação, que é o que tem impedido o desenvolvimento de uma teoria do jornalismo autêntica e de uma teoria da mídia autêntica também. Qual mídia tem uma teoria melhor desenvolvida hoje? Sem dúvida, o Cinema, a única que se desenvolveu de forma independente com grande vigor, criando várias escolas de pensamento ao longo da história, a partir dos problemas suscitados pela própria prática. A Teoria do Cinema é um exemplo a ser seguido por todas as mídias — hoje, no âmbito da Intercom, tenho tentado incentivar um processo de construção de uma Teoria do Rádio neste sentido. A Socine é uma experiência que tem servido de modelo à SBPJor, em muitos

aspectos. Ninguém pensaria, no campo do cinema, em abandonar esta teoria por outra, estranha à área, como aconteceu no jornalismo e nas outras práticas comunicacionais. Mas no jornalismo temos feito isso há décadas, porque fomos colonizados e, como diz Paulo Freire, o colonizado introjeta o modo de pensar do colonizador. Metade das teses sobre jornalismo produzidas no Brasil nas últimas décadas traz capítulos teóricos iniciais sem nenhum sentido para o estudo. São um tributo aos orientadores e a seus colonizadores, quase como ocorria com as teses da Idade Média, que começavam reafirmando a fé católica para depois entrar no raciocínio científico. Na área do jornalismo, isso só vai ser superado quando a área se libertar intelectualmente, tiver auto-estima suficiente e conseguir construir uma teoria própria.

Quem é Eduardo Meditsch

Nascido em Porto Alegre em 1956, Eduardo Barreto Vianna Meditsch formou-se no ano de 1979 em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo Gráfico e Visual, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



No campo jornalístico, atuou em empresas como o jornal *Folha da Tarde*, de Porto Alegre, a Rádio Jornal do Brasil e a Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa.

Na Universidade Federal de Santa Catarina, onde é professor concursado desde 1982, Meditsch é vinculado ao Departamento de Jornalismo. Na graduação em Jornalismo, é responsável pela disciplina Teoria do Jornalismo, sendo também professor de Radiojornalismo. Na Especialização em Estudos de Jornalismo, leciona Metodologia do Ensino de Jornalismo. E, no Mestrado e Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento (Área de Mídia e Conhecimento), ministra Teorias da Notícia e do Jornalismo.

Em 1990, obteve o título Mestre em Ciências da Comunicação – Jornalismo e Editoração, pela Universidade de São Paulo. Sua pesquisa, orientada por Wilson da Costa Bueno, originou a dissertação *O conhecimento do jornalismo: elo perdido no ensino da comunicação*.

Tornou-se o primeiro doutor em jornalismo de Portugal ao defender sua tese (*A especificidade do rádio informativo: um estudo da construção, discurso e objetivação da informação jornalística no rádio a partir de emissoras especializadas de Portugal e do Brasil em meados dos anos 90*) na Universidade Nova de Lisboa em 1997, tendo sido orientado por Nelson Traquina e Tito Cardoso e Cunha.

Em 2003 recebeu o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, na categoria Liderança Emergente.

Desde 1998 é o Coordenador do Grupo de Estudos em Jornalismo, da ALAIC – Associação Latinoamericana dos

Investigadores de Comunicação. No Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, foi membro da Coordenação Nacional (2000-2001) e do Conselho Consultivo (2001-2003).

Fundador da SBPJor (Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo), é seu Diretor Científico desde 2003.

Em 1992, Eduardo Meditsch publicou *O conhecimento do jornalismo* (Editora da UFSC). Organizou também o livro *Rádio e Pânico: A Guerra dos Mundos, 60 anos depois*, lançado em 1998, pela editora Insular, de Florianópolis.